

Os primórdios do ensino de jornalismo*

José Marques de Melo**

Resumo:

A institucionalização do jornalismo enquanto campo universitário data do início do século XX nos Estados Unidos. Ela foi, contudo, precedida por iniciativas ancoradas em território europeu, principalmente na Alemanha, França e Suíça, entre os séculos XVII e XIX. Resgatar cronologicamente esses primórdios do ensino do jornalismo constitui o foco desta comunicação, identificando de modo particular como tais projetos pioneiros repercutiram no Brasil. Pretende-se verificar como os modelos forâneos de ensino do jornalismo influenciaram as lideranças nacionais aglutinadas em torno da embrionária Associação Brasileira de Imprensa, entidade que assumiu a vanguarda da formação profissional dos jornalistas no cenário nacional.

Palavras-chave:

História do Jornalismo. Ensino de Jornalismo. Europa. Estados Unidos. Brasil.

Abstract:

Journalism scholarship was institutionalized at the beginning of the XX century by the university establishment in the United States of America. However, its roots were fixed at the European territory, mainly in Germany, Switzerland and France, between the XVII and the XIX centuries. The aim of this paper is to rescue the chronological lineage of Journalism Education, focusing the impact of these pioneer projects on Brazil. It intends to explore how the foreign patterns of Journalism Education influenced the newsmen leaders recognized later on as the founding fathers of the Brazilian Press Association. They launched a national campaign in order to guarantee Higher Education to young people that had vocation to be professional journalists.

Key words:

Journalism History. Journalism Education. Europe. United States of America. Brazil

Marco histórico

A legitimação do Jornalismo enquanto área do conhecimento pela comunidade acadêmica reflete historicamente o processo de institucionalização social da profissão informativa.

Não obstante as primeiras manifestações noticiosas tenham precedido a imprensa (RIZZINI, 1964 e 1968), o jornalismo somente se imporia no cenário europeu do século XVII, quando começam a circular na Alemanha os primeiros jornais diários (SCHULZE, 1994: 15).

Esse fenômeno do jornalismo diário altera substancialmente a fisionomia da sociedade, fortalecendo o ideal democrático que se nutre na emergente opinião pública (MARQUES DE MELO, 1998: 202-224) e desemboca na encruzilhada revolucionária de 1789, onde está alicerçada a doutrina da liberdade de imprensa.

Foi justamente o impacto do jornal diário no cenário europeu que motivou a primeira incursão universitária no terreno jornalístico, convertendo-o em objeto de reflexão intelectual. Coube institucionalmente à Universidade de Leipzig e pessoalmente a Tobias Peucer a primazia dessa inovação cognitiva, estimulando uma série de estudos que procuram desvendar o tecido social da imprensa e o protagonis-

Foi justamente o impacto do jornal diário no cenário europeu que motivou a primeira incursão universitária no terreno jornalístico, convertendo-o em objeto de reflexão intelectual.

mo daqueles precoces artífices das cadeias noticiosas. (MARQUES DE MELO, 2003: 172-174).

Entretanto, as expressões jornalísticas pioneiras ficaram estancadas pelo inevitável elitismo do seu conteúdo. Não é sem razão que o precursor dos estudos jornalísticos enfatiza o “o prazer encontrado na leitura dos periódicos pelos eruditos”, ou seja, “aqueles que gozam do conhecimento da geografia, da genealogia e dos afazeres cívicos”. (PEUCER, 1690: 213).

Produzir notícias para um estamento tão refinado não requeria formação especial, situando-se a primeira geração de produtores do jornalismo diário no mesmo patamar cognitivo dos seus leitores.

Mudanças nesse panorama somente viriam a ocorrer na segunda metade do século XVIII, quando a revolução burguesa se alastra, tanto na Europa quanto na América, melhorando a capacidade intelectual e também aquisitiva de vastos contingentes da população, que necessitam de informações atuais, rápidas, resumidas e facilmente compreensíveis. Foi natural que eclodissem demandas para a capacitação de produtores noticiosos sintonizados com as novas aspirações sociais.

Enquanto categoria profissional, os jornalistas somente vão emergir no ápice

da fascinante “revolução da impressão” (QUINTERO, 1994). que outrora Marshall McLuhan rotulou como a galáxia gutenberiana.

Iniciativas pioneiras

Em seu panorama sobre a institucionalização social do jornalismo, NIXON (1963a) aponta as diferenças existentes entre a América e a Europa. Pouco mais de meio século distancia as iniciativas pioneiras de formação jornalística nos dois continentes. Nos Estados Unidos da América do Norte o primeiro espaço universitário dessa natureza cria-se apenas em 1869, no Washington College, Virgínia. Por sua vez, a primeira experiência europeia datava de 1806, tendo sido protagonizada pela Universidade de Breslau, então situada em território alemão.

Além da defasagem temporal, NIXON (1963b: 23) indica um componente diferenciador de matiz nitidamente educativo. O curso europeu tinha perfil acadêmico, orientando-se no sentido de avançar uma “ciência da imprensa”. Por sua vez, o curso norte-americano era mais modesto, pretendendo simplesmente “aperfeiçoar tipógrafos”, ou seja, ampliar seu conhecimento no âmbito das artes e das ciências. Afora esses marcos antecipa-

O desenvolvimento de programas de ensino de jornalismo vai se dar de forma quase concomitante na Europa e nos Estados Unidos.

dores da pujança do novo campo universitário, na verdade o desenvolvimento de programas de ensino de jornalismo vai se dar de forma quase concomitante na Europa e nos Estados Unidos.

NIXON (1963 b: 23-24) registra os principais fatos históricos testemunhados pela Europa. Após a ofensiva alemã do começo do século XIX, a vanguarda passa a ser assumida pela Suíça, onde o professor Karl Bucher profere conferências sobre “ciências da imprensa”, na Universidade de Besle (1884-1890), inspirando, a partir de 1903, um curso permanente na Universidade de Zurich,

Enquanto isso, a França ensaia os primeiros passos nessa direção, estabelecendo em Paris (1899) uma Escola Superior de Jornalismo. Seu fundador, Albert Bataillier, busca parceria decisiva com o jornal *Le Figaró*, numa evidência de que a formação profissional dos jornalistas representava uma contingência conjuntural. Sua oportunidade fora, aliás, proclamada pelo V Congresso Internacional da Imprensa, reunido em Lisboa, em 1898. Nesse encontro, Bataillier justifica: “o jornalismo converteu-se numa carreira: é preciso deixar de dizer que a nossa profissão recruta os seus adeptos entre os desenganados de todas as carreiras; para chegar ao recrutamento regular, à

renovação normal do pessoal da imprensa, é preciso organizar os quadros de reserva e tornar menos penosos os anos de aprendizagem aos jovens que se sintam com vocação; e para isso é necessário que a educação geral se complete com a educação profissional”. (MARCOS, 1987: 115-116).

O terreno mais fértil permanecia, contudo, na Alemanha, onde Karl D’Esther replica feito semelhante àquele protagonizado dois séculos atrás por Tobias Peucer, defende em 1907 a sua tese de doutorado sobre jornalismo na Universidade de Munster. Pouco depois, ele seria chamado a dirigir órgão semelhante na Universidade de Munich, convertendo-se, em 1924, no primeiro cate-drático alemão de Zeitungswissenschaft. Tais ações fizeram reviver os estudos jornalísticos na Universidade de Leipzig, agora sob a liderança de Karl Bucher, que retornara da Suíça, instalando na-quele cidade, em 1916, o primeiro instituto universitário de ciência da imprensa. (NIXON, 1963:24).

Se tal desenvolvimento opera-se de modo tranqüilo na Europa, como fruto de uma consciência corporativa partilhada por lideranças empresariais e trabalhistas, tendência distinta vai ocorrer nos Estados Unidos. A iniciativa pioneira do General Lee, fundador do curso de jornalis-

Ao contrário do que aconteceu na Europa, nos Estados Unidos o segmento que ingressara na profissão sem preparação prévia cultivaria explicitamente um sentimento de “afetado desprezo” pela educação superior.

mo do Washington College, encontra resistências no seio da corporação profissional. O segmento que ingressara na profissão sem preparação prévia cultivaria explicitamente um sentimento de “afetado desprezo” pela educação superior. (RIZZINI, 1953: 5)

Defendendo a tese da inutilidade das escolas de jornalismo, Frederic Hudson, diretor do The York Herald sentenciava: “o único lugar onde alguém pode aprender jornalismo é a redação de um grande jornal”. Contudo, o discurso representativo dessa corrente foi explicitado pelo escritor John Dillon: “Nós, jornalistas, estamos firmemente convencidos de sermos como os petas: born not made” (RIZZINI, 1953: 6).

Caberia a Joseph Pulitzer, diretor da cadeia jornalística liderada pelo New York World, dar rumo distinto à contenda, lançando a tese oposta. Ela foi assim resumida por RIZZINI (1953: 6): “Pulitzer (...) afirmou ser naturalmente a redação o lugar indispensável à formação profissional do jornalista, como o hospital à do médico e o foro à do advogado. Mas o médico e o advogado não encetam a prática sem passar antes pelos bancos das faculdades. Por que só o jornalista é dispensado de saber a sua teoria ou de saber alguma coisa?”.

O contexto em que se desenvolve a polêmica norte-americana em torno da vali-

dade de se formar jornalistas nos bancos universitários tem como pano de fundo o sentimento de desconforto da sociedade civil no tocante à exacerbação do sensacionalismo da imprensa. Essa conjuntura foi excepcionalmente resgatada por Orson Welles no magnífico Cidadão Kane (EMERY, 1954 e WAINBERG, 1997).

Redimindo-se, em certo sentido, das responsabilidades pelo cultivo do sensacionalismo até então compartilhado por suas empresas, Joseph Pulitzer lidera a ala dos donos de jornais que se comprometem com a melhor qualificação dos profissionais da notícia, dando-lhes embasamento humanístico. Para tanto, ele oferece uma doação de dois milhões de dólares para a universidade que se compromettesse a educar adequadamente os jovens jornalistas. As negociações iniciais foram feitas com a Universidade de Havard, mas não houve entendimento porque o Reitor Eliot propôs um currículo que privilegiava os assuntos “técnicos” em detrimento dos “intelectuais”.

Em face disso, Pulitzer resolve expor publicamente suas idéias sobre o ensino de jornalismo, publicando em 1904, na revista North American Review, seu célebre ensaio “The College of Journalism”. A tese defendida era a seguinte: “Nada de

**“A Escola de Jornalismo deve ser, uma escola não-comercial e mesmo anti-comercial. (...) Deve construir ideais, mantendo a contabilidade no seu lugar, e fazer da alma do jornalista a alma do jornal.”
(J. Pulitzer, 1904)**

ensinar tipografia ou gerência, nada de reproduzir com triviais variações o curso de uma escola comercial. Isto não é de âmbito universitário! A idéia é a de trabalhar para a comunidade, e não para o comércio, e não para o indivíduo, mas unicamente para o público. A Escola de Jornalismo deve ser, no meu conceito, uma escola não-comercial e mesmo anti-comercial. Deve exaltar os princípios, o conhecimento e a cultura às expensas do negócio, se necessário. Deve construir ideais, mantendo a contabilidade no seu lugar, e fazer da alma do jornalista a alma do jornal.” (RIZZINI, 1953: 23)

A polêmica sobre a natureza do ensino de jornalismo incendiou corações e mentes na sociedade norte-americana, há um século, produzindo dois modelos acadêmicos: a escola de pós-graduação – adotada a partir de 1912 pela Universidade de Columbia (que acabou sendo beneficiária da doação milionária de Pulitzer) – e a escola de graduação – implementada em 1908 pela Universidade de Missouri. A primeira se destina a preparar editores e analistas para a grande imprensa, recrutando estudantes que tivessem formação prévia em outros campos do conhecimento. A segunda pretende formar repórteres para a pequena imprensa, tanto assim que criou um jornal-laboratório – The Daily Missourian – com circulação di-

ária na comunidade em que funcionava a universidade, sob a responsabilidade dos seus professores e alunos. (MARQUES DE MELO, 1973)

Contexto brasileiro

Apesar da abertura tardia das portas da universidade brasileira para o ensino do jornalismo (meio século nos separa das iniciativas pioneiras na Europa e dos Estados Unidos), é importante registrar que as elites nacionais sempre estiveram antenadas em relação às polêmicas jornalísticas que circulavam nos centros metropolitanos.

Evidência disso é a difusão precoce das primeiras reflexões européias sobre o fenômeno informativo propiciadas pelo Correio Braziliense de Hipólito José da Costa. Nas primeiras edições do seu jornal paradigmático, o patrono da imprensa brasileira traduzia artigos do teórico alemão Johann Freidrich Benzenberg sobre a questão da liberdade de imprensa.

O fluxo dessas idéias procedentes d'almar parece ter sido contínuo durante todo o século XIX, faltando naturalmente desvendar a sua trajetória, tarefa que começa a sensibilizar alguns pesquisadores da nova geração de scholars brasileiros. Exemplo concreto é o de Marialva

Apesar da abertura tardia das portas da universidade brasileira para o ensino do jornalismo, as elites nacionais sempre estiveram atentas às polêmicas jornalísticas que circulavam nos centros metropolitanos.

Barbosa, da Universidade Federal Fluminense, que ilumina o processo de legitimação profissional dos jornalistas no Brasil com seu alentado estudo sobre as relações entre imprensa, poder e público na capital federal na conjuntura transicional entre o século XIX e o século XX.

A pesquisadora carioca resgata com nitidez o locus da formação intelectual daquela geração de jornalistas que fez a travessia da imprensa “artesanal” para o jornalismo “empresarial”, de acordo com a tipologia construída por WERNECK SODRÉ (1966). Ela descreve abundantemente o papel desempenhado pelas faculdades de direito como celeiro em que as emergentes empresas jornalísticas colhiam jovens intelectuais vocacionados para o exercício da comunicação pública, habilitando-os a desempenhar funções informativas ou opinativas no interior das próprias redações. Era tamanho o trânsito desses bacharéis entre as “arcadas” e os “jornais” que algumas faculdades cariocas introduzem nos respectivos programas de ensino disciplinas complementares sobre texto, com a finalidade de ampliar suas chances na disputa de seus alunos por ocupações extra-jurídicas. (BARBOSA, 200: 63-114)

A hegemonia desses “bacharéis” no exercício de funções redacionais os transforma

numa espécie de casta dentro das nascentes empresas jornalísticas. Cria-se um antagonismo latente entre os “redatores” e os “repórteres”, figurando estes últimos com segmento subalterno, recrutado nas camadas médias da sociedade, mas carente de formação superior.

Quem percebe com clareza essa contradição, identificando uma espécie de “luta de classes” no interior das redações dos jornais cariocas, é o fundador da Associação Brasileira de Imprensa, o catarinense Gustavo de Lacerda. Sua plataforma para a criação de uma entidade capaz de fortalecer e preservar os interesses dos profissionais da imprensa contempla particularmente as agruras enfrentadas pelos catadores de notícias nas ruas – os repórteres – contingente a que ele próprio pertencia.

Gustavo de Lacerda foi um visionário, nutrindo idéias políticas que o estigmatizaram no interior da corporação jornalística. De tal modo era o preconceito por ele enfrentado junto aos seus colegas de profissão que sua iniciativa de fundar uma sociedade para a defesa da categoria quase não encontrou eco.

Eis o perfil que dele traçou ABRANCHES (1938; 4-5):

“Homem de imprensa, amando sinceramente

Cria-se um antagonismo latente entre os “redatores” e os “repórteres”, figurando estes últimos como segmento subalterno, recrutado nas camadas médias da sociedade, mas carente de formação superior.

sua profissão e reputando o jornal a força mais poderosa e eficiente para o progresso das sociedades civilizadas, Gustavo de Lacerda vivia obcecado pelo seu ideal generoso e nobre de tornar a sua classe próspera, feliz, prestigiosa e útil. (...) Muitos do que o ouviam também porque muito o estimavam, tinham-no todavia como um perfeito visionário, imbuído de idéias socialistas. Ele mesmo se confessava adepto desse novo credo então em grande voga além do Atlântico. (...) Outros, enfim, procuravam ridicularizá-lo e deprimí-lo, sendo mesmo maltratado por certos gerentes das folhas de seu tempo, homens de vistas curtas e letras gordas, embora hábeis administradores de suas empresas. Chegou a ser tido então por um elemento perigoso, porque não escondia suas revoltas contra distinção que, naquela época, se procurava fazer entre redatores e repórteres, emprestando a estes funções por demais humilhantes... (...) Fanático pelo seu ofício, doía-lhe profundamente esse preconceito de, na mesma casa, sob o mesmo teto de labor, estabelecer-se uma desigualdade para os seus colegas de reportagem...”

Foi justamente com a intenção de neutralizar esse conflito profissional que Lacerda concebeu sua Casa do Jornalista, abrigando não apenas um Clube de Repórteres, mas principalmente uma Escola de Jornalis-

mo, com a finalidade precípua de oferecer oportunidades de crescimento intelectual aos jovens que labutavam nas ante-salas das repartições públicas ou nos becos e periferias urbanas, à cata de fatos noticiáveis, que tomavam forma jornalística através da pena aristocrática dos bacharéis-redatores.

Ele pretendia solucionar o descompasso entre as duas equipes – a do gabinete e a das ruas – assegurando aos repórteres um lugar onde pudessem crescer educacionalmente. E não esqueceu de incluir o compromisso de “habilitar, por meio de título de capacidade intelectual e moral, o pretendente a colocação no jornalismo”, entre os objetivos da associação fundada no dia 7 de abril de 1908. (MOREL, 1985: 23).

Como se daria essa formação intelectual dos jovens jornalistas? A escassa documentação biográfica do fundador da ABI não permite identificar sua linha de pensamento a esse respeito. Apesar de sintonia que demonstrava em relação às novas idéias procedentes da Europa, deduz-se que Lacerda não possuía uma concepção educacional definida. Tanto assim que pede a ABRANCHES (1938: 11), na véspera de uma longa viagem ao velho continente, para se informar sobre os embrionários modelos europeus.

Com a intenção de neutralizar esse conflito profissional que Lacerda concebeu sua Casa do Jornalista, abrigando não apenas um Clube de Repórteres, mas principalmente uma Escola de Jornalismo.

Gustavo de Lacerda faleceu precocemente (SEGISMUNDO: 1962: 17), mas comprometeu seus companheiros de geração no sentido de implementar as idéias que partilhavam coletivamente. Elas foram pouco a pouco sendo diligenciadas. A proposta da Escola de Jornalismo voltou a ser cogitada durante a gestão de Raul Pederneiras, quando o então vice-presidente João Guedes de Mello apresentou uma proposta, aprovada pela diretoria, em 1917, sendo posteriormente submetida ao Primeiro Congresso de Jornalistas (1918).

Compulsando os documentos relacionados com aquele evento precursor, Victor de SÁ (1955: 220), descreve o modelo concebido pelos sucessores de Gustavo de Lacerda:

“A Escola de Jornalismo, que não queria ser oficial, que não faria doutores nem bacharéis, mas que se propunha unicamente a propinar a seus alunos o ensino das matérias julgadas essenciais à prática da profissão, cuidando da cabeça e das mãos dos estudantes, com a teoria da ciência necessária e a prática das artes de gravar. Ao lado do programa das aulas do curso teórico propriamente dito, a Escola ministraria o ensino prático. Seria, então, fundado o jornal para os alunos e na redação e nas oficinas dessa folha iriam os estudantes desenvolver praticamente a sua força na sintaxe e na ortografia da língua. O jornal seria a escola de aplicação,

onde os alunos completariam os seus estudos, redigindo reportagens, que poderiam ser mundanas, artísticas, policiais ou sociais, escrevendo artigos de política e finanças, com orientação própria ou ditada pelo professor, fazendo crítica de música, pintura, teatro e letras, conforme o adiantamento no Curso regular da Escola.”

Qual a inspiração educacional buscada pelo autor do projeto? Segundo as pesquisas de SÁ (1955: 221) elas estavam embasadas em “idéias colhidas nas organizações norte-americanas”.

Revisando cuidadosamente as fontes intelectuais da ABI a respeito da formação dos jornalistas percebe-se que a entidade manteve-se sintonizada não apenas com os modelos norte-americanos, mas também acompanhou o desenvolvimento dos padrões europeus de ensino de jornalismo.

Quando BARBOSA LIMA SOBRINHO formula suas idéias paradigmáticas para decifrar a “esfinge midiática” está bem nítido seu conhecimento das experiências norte-americanas nesse campo, às quais ele se refere emblematicamente, na década de 20. (MARQUES DE MELO, 2004: 29). Dez anos mais tarde, quando o também dirigente da ABI, Costa Rego, implementa na Universidade do Distrito Fede-

ral o primeiro curso de jornalismo do país fica patente sua filiação à corrente educacional de origem francesa (MARQUES DE MELO, 2003b: 303).

Essa oscilação pendular entre o pragmatismo norte-americano e o academicismo europeu tem sido uma constante em nossa cultura universitária. Ela seria reforçada pela influência modernizadora do CIESPAL, na década de 60. Entretanto, começavam a viscejar em território brasileiro projetos que buscavam a superação da dependência externa, figurando como mais expressivas as inovações engendradas por Luiz Beltrão, na cidade do Recife, e por Pompeu de Souza, no planalto central. (MARQUES DE MELO, 1974) Elas podem vir a constituir parâmetros capazes de estimular as novas gerações de educadores dos jornalistas brasileiros, conscientes de que precisamos amadurecer estruturas consentâneas com as aspirações nacionais, sem minimizar evidentemente as correntes internacionais.

Afinal de contas, o jornalismo toma uma feição planetária cada vez mais sofisticada, sendo indispensável o conhecimento das soluções acadêmicas que florescem em outros espaços nacionais, que devem ser tomadas como fontes de referência (MARQUES DE MELO, 2003: 193-221) e não simplesmente como modelos a transplantar.

Essa oscilação pendular entre o pragmatismo norte-americano e o academicismo europeu tem sido uma constante em nossa cultura universitária.

** José Marques de Melo

O autor é professor Emérito da Universidade de São Paulo e Titular da Cátedra UNESCO de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, fundador e presidente da Rede Alfredo de Carvalho para o Resgate da Memória da Imprensa e a Construção da História da Mídia no Brasil.

Referências bibliográficas

- ABRANCHES, Dunshee. A Fundação Gustavo de Lacerda: reminiscências dos primeiros dias da Associação Brasileira de Imprensa. Rio de Janeiro. Rodrigues & Cia., 1938
- BARBOSA, Marialva. Os Donos do Rio – imprensa, poder e público. Rio de Janeiro, Vício de Leitura, 2000
- EMERY, Edwin. The Press and America. Englewood Cliffs, Prentice Hall, Inc. Tradução brasileira: História da Imprensa nos Estados Unidos, Rio de Janeiro, Editora Lidador, 1965
- MARCOS, Luis Humberto. Portugal, primeiro a inovar, último a formar, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, 57: 115-118, São Paulo, INTERCOM, 1987
- MARQUES DE MELO, José
- 1973 – Pós-graduação nos Estados Unidos: experiências aplicáveis às escolas de jornalismo e comunicação da América Latina, Revista da ABEPEC, 2 (11-36)
- 1974 – Contribuições para uma Pedagogia da Comunicação, São Paulo, Paulinas
- 1998 – Opinião Pública: de Homero a Marx e de Gallup a Lazarsfeld, In: Teoria da Comunicação: paradigmas latino-americanos, Petrópolis, Vozes
- 2003 – Descompasso histórico, In: Jornalismo Brasileiro, Porto Alegre, Sulina
- 2003b – História do Pensamento Comunicacional, São Paulo, Paulus
- 2004 – A esfinge midiática, São Paulo, Paulus
- MOREL, Edmar
- 1985 – Trincheira da liberdade: História da ABL, Rio de Janeiro, Record
- NIXON, Raymond
- 1963 a – Analisis sobre Periodismo, Quito, CIESPAL
- [1963 b – Investigaciones sobre Comunicación Colectiva, Quito, CIESPAL
- PEUCER, Tobias
- 1690 – Os relatos jornalísticos (tradução brasileira de Paulo da Rocha Dias), Comunicação & Sociedade, 33, São Bernardo do Campo. Editora UMESP, 2000
- QUINTERO, Alejandro P.
- 1994 – A Revolução da Imprensa, In: História da Imprensa, Lisboa, Planeta Editora
- RIZZINI, Carlos
- 1953 – O ensino de jornalismo, Rio de Janeiro, MEC
- 1964 – História da Imprensa, São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero
- 1968 – Jornalismo antes da tipografia, São Paulo, Companhia Editora Nacional
- SCHULZE, Ingrid
- 1994 – A imprensa na Alemanha, In: QUINTERO, Alejandro P. – História da Imprensa,

* Comunicação apresentada à Mesa Redonda “A História do Ensino de Jornalismo e das Profissões Midiáticas (dos primórdios ao Ciespal)”, realizada durante o II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho para o Resgate da Memória da Imprensa e a Construção da História da Mídia, na cidade de Florianópolis, SC, no dia 16 de abril de 2004.

Lisboa, Planeta Editora

SÁ, Victor de

1955 – Um repórter na ABI, Rio de Janeiro, Editora A Noite

SEGISMUNDO, Fernando

1962 – Imprensa Brasileira: vultos e problemas, Rio de Janeiro, Editora Alba

WAINBERG, Jacques

1997 – O Império das Palavras – Estudo comparado dos Diários Associados de Assis Chateaubriand e Hearst Corporation, de William Handolph Hearst, Porto Alegre, Edipucrs

WERNECK SODRÉ, Nelson

1966 – História da Imprensa no Brasil, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira